

Competitividade Internacional do Complexo Têxtil Brasileiro no período 1998 a 2006

International Competitiveness of the Brazilian Textile Complex between 1998 and 2006

Alberto Henrique Amorim

Professor na UniverCidade e sócio da Trends Consulting

Resumo

O objetivo deste estudo, abordado na Dissertação de Mestrado de Amorim (2008), foi estimar a competitividade das exportações brasileiras do complexo têxtil entre 1998 e 2006. Especificamente pretendeu-se analisar a evolução das exportações, os efeitos do crescimento do comércio mundial, da composição da pauta de exportações e do destino das exportações do complexo têxtil brasileiro. A decomposição das fontes de crescimento das exportações do complexo têxtil brasileiro, obtida pelo método *Constant-Market-Share* (CMS), revelou que o setor conseguiu, apesar da perda na competitividade e concentração em produtos da pauta de exportações de baixo valor agregado, acompanhar o crescimento do comércio internacional. As vantagens comparativas reveladas confirmaram o maior dinamismo da pauta de exportações do complexo têxtil brasileiro para produtos como cordéis de sisal, fios de seda e sacos para embalagens de algodão.

Palavras- chave: Competitividade, Complexo Têxtil. *Constant-Market-Share* (CMS). Vantagens Comparativas Reveladas (VCR).

Abstract

The main purpose of this study, based in Amorim's (2008) MSc dissertation, is to determine the performance of brazilian textile complex exports and competitiveness between 1998 and 2006. Specifically to examine the evolution of exports, identify and analyse the world trade growth effects, the exports staff composition, the exports destination and competitiveness of brazilian textile complex. The decomposition of the sources of growth in exports of brazilian textile complex, obtained by the application of the method Constant-Market-Share (CMS), showed that the sector has achieved, despite the loss in competitiveness and focus the exports in goods of low value added, monitor the growth of international trade. The indicators of comparative advantages confirmed larger exportation dynamism in products like sisal twine, silk and cotton bags for packaging.

Keywords: Competitiveness. Textile Complex. *Constant-Market-Share* (CMS). Comparative Advantages Revealed (CVR).

1 Introdução

A indústria têxtil e de confecções provê emprego para dezenas de milhões de pessoas em todo o mundo, principalmente em países em desenvolvimento, amortecendo problemas

socioeconômicos de países que lutam para melhorar as condições de vida de sua população e conduzindo seus governos a proteger, o melhor possível, este complexo, no interesse de resguardar os empregos que proporciona.

A consolidação da abertura comercial e a permanência do programa de estabilização econômica alteraram significativamente o ambiente dos negócios internacionais em que operam as empresas brasileiras, as quais, a partir de então, passaram a competir tendo como parâmetro a concorrência internacional. O fim do regime de restrições quantitativas que passou a vigorar no início de 2006, após o término do Acordo sobre Têxteis e Vestuário (ATV), contribuiu para o acirramento da concorrência e para uma redução do número de países que buscam atingir os mercados de maior poder aquisitivo. Além disso, devido à força demonstrada pelo complexo têxtil de países como a China e a Índia, também o mercado interno vê-se ameaçado.

O Brasil, a exemplo de países europeus, possui uma complexo têxtil tradicional e forte, o que habilita suas empresas a atuar em mercados que valorizem aspectos de alta diferenciação, agregando valor e contribuindo para a geração de riquezas para o país.

Portanto, foram analisados o comportamento das exportações brasileiras e a competitividade do complexo têxtil entre os anos de 1998 e 2006. Especificamente pretendeu-se analisar a evolução das exportações, identificar e analisar os efeitos do crescimento do comércio mundial, da composição da pauta de exportações, do destino das exportações e a competitividade do complexo têxtil brasileiro; e identificar e analisar as vantagens comparativas reveladas (VCR) das exportações do complexo têxtil brasileiro.

2 Revisão da Literatura

2.1 Caracterização do Complexo Têxtil Brasileiro

O complexo industrial têxtil e de confecções engloba a produção de fibras (naturais, artificiais ou sintéticas), fiação, tecelagem, malharia, acabamento e confecção (MELO, 2000), podendo ser dividida em três grandes segmentos industriais: fibras e filamentos; manufaturados têxteis (fios, tecidos e malhas); e confecções de bens acabados.

Assim, a complexo têxtil pode ser, simplificada, apresentada em quatro segmentos de produção:

- (i) preparação de fibras e filamentos (naturais e químicas);
- (ii) preparação manufaturados têxteis (fiação, tecelagem, malharia e beneficiamento);
- (iii) produção da confecção (vestuário, "linha lar" e técnicos); e
- (iv) atividades dos canais de distribuição (varejo, atacado, etc.).

Uma característica marcante do setor têxtil é o alto grau de verticalização presente, especialmente nos elos de fiação+tecelagem, fiação+malharia e tecelagem+confeção, existindo também um pequeno número de empresas que possuem todos os elos da cadeia integrados verticalmente.

Os produtos exportados pelo complexo têxtil podem ser identificados através do chamado Sistema Harmonizado de Designação e de Codificação de Mercadorias, ou simplesmente Sistema Harmonizado (SH)¹.

O Brasil, a Argentina, o Paraguai e o Uruguai adotam, desde janeiro de 1995, a Nomenclatura Comum do MERCOSUL (NCM)².

Com esse sistema pode-se identificar através de dados publicados pelo Ministério da Indústria e Comércio Exterior a participação de todo o complexo têxtil, compreendidos pelos capítulos 50 ao 63 do sistema harmonizado, Tabela 1, no comércio internacional, e assim, identificar a participação de cada segmento nas exportações.

Tabela 1: Capítulos da NCM referentes à codificação de mercadorias têxteis.

Capítulo 50	Seda.
Capítulo 51	Lã, pêlos finos ou grosseiros; fios e tecidos de crina.
Capítulo 52	Algodão.
Capítulo 53	Outras fibras têxteis vegetais; fios de papel e tecidos de fios de papel.
Capítulo 54	Filamentos sintéticos ou artificiais.
Capítulo 55	Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas.
Capítulo 56	Pastas, feltros e falsos tecidos; fios especiais; cordéis, cordas e cabos; artigos de cordoaria.
Capítulo 57	Tapetes e outros revestimentos para pavimentos, de matérias têxteis.
Capítulo 58	Tecidos especiais; tecidos tufados; rendas; tapeçarias; passamanarias; bordados.
Capítulo 59	Tecidos impregnados, revestidos, recobertos ou estratificados; artigos para usos técnicos de matérias têxteis
Capítulo 60	Tecidos de malha
Capítulo 61	Vestuário e seus acessórios, de malha
Capítulo 62	Vestuário e seus acessórios, exceto de malha
Capítulo 63	Outros artefatos têxteis confeccionados; sortidos; artefatos de matérias têxteis, calçados, chapéus e artefatos de uso semelhante, usados; trapos

Fonte: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, 2007.

¹ O Sistema Harmonizado (SH) abrange 21 seções, composta por 96 capítulos, além das Notas de Seção, de Capítulo e de Subposição. Os capítulos, por sua vez, são divididos em posições e subposições, atribuindo-se códigos numéricos a cada um dos desdobramentos citados.

² A Nomenclatura Comum do MERCOSUL é formada pelos dos oito dígitos, os seis primeiros são formados pelo Sistema Harmonizado, enquanto o sétimo e oitavo dígitos correspondem a desdobramentos específicos atribuídos no âmbito do MERCOSUL.

2.2 Participação do Brasil no Mercado Mundial de Têxteis

Como país produtor de artigos têxteis, o Brasil exerce um papel importante no cenário mundial, mantendo-se como o sétimo maior produtor mundial de artigos confeccionados (vestuário, meias e acessórios, linha lar e outros) e o oitavo maior produtor de têxteis (fios/filamentos, tecidos e malhas) (Tabela 2).

Tabela 2: Produção mundial de têxteis e confecções.

Têxteis			Confecções		
Países	mil ton.	%	Países	mil ton.	%
1. China/Hong Kong	17.140	32,2	1. China/Hong Kong	13.478	28,1
2. Índia	4.333	8,1	2. Índia	3.986	8,3
3. Coréia do Sul	3.364	6,3	3. Estados Unidos	2.573	5,4
4. Taiwan	2.874	5,4	4. México	2.001	4,2
5. Estados Unidos	2.732	5,1	5. Turquia	1.982	4,1
6. Turquia	2.235	4,2	6. Coréia do Sul	1.873	3,9
7. Paquistão	2.077	3,9	7. Brasil	1.740	3,6
8. Brasil	1.575	3,0	8. Paquistão	1.350	2,8
9. Indonésia	1.517	2,8	9. Taiwan	1.331	2,8
10. México	1.290	2,4	10. Tailândia	1.096	2,3
Outros	14.161	26,6	Outros	16.558	34,5
Total ⁽¹⁾	53.298	100,0	Total ⁽¹⁾	47.968	100,0

Fonte: INSTITUTO DE ESTUDOS E MARKETING INDUSTRIAL, 2006

Nota: ⁽¹⁾ estimativas.

Se o Brasil é um importante produtor de artigos têxteis, todavia em termos de comércio internacional, sua participação é muito pequena, ocupando a 26ª posição na exportação de têxteis e a 41ª posição na exportação de confeccionados dentre os países que mais se destacam no mundo em termos do comércio externo têxtil (Tabela 3), apesar dos esforços recentes empreendidos pelo Governo, empresários e entidades, para promover as exportações brasileiras.

Tabela 3: Países Exportadores.

Têxteis		Confecções	
Países	US\$ milhões	Países	US\$ milhões
1. China	33.428	1. China	61.856
2. Itália	15.675	2. Hong Kong ⁽¹⁾	25.097
3. Alemanha	15.162	3. Itália	16.992
4. Hong Kong ⁽¹⁾	14.296	4. Turquia	11.193
5. Estados Unidos	11.989	5. Alemanha	10.592
6. Coréia do Sul	10.839	6. França	7.485
7. Taiwan	10.038	7. México	7.197
8. Bélgica	7.945	8. Índia	6.625

9. França	7.845	9. Bélgica	5.884
10. Japão	7.138	10. Estados Unidos	5.059
26. Brasil	1.340	48. Brasil	739
Outros	59.037	Outros	99.378
Total	194.732	Total	258.097

Fonte: OECD, 2004 / Nota: ⁽¹⁾ inclui reexportação.

Mesmo com um grande número de empresas instaladas e com um grande mercado interno, poucas empresas atuam no mercado internacional. Em 2005 o Brasil tinha 24.879 fábricas instaladas nos segmentos têxteis e confeccionados e foram calculados 9,4 kg de fios e filamentos têxteis consumidos por habitante (Fonte: IBGE/IEMI, 2005). Isto se deve a falta de *know-how* exportador, a forte concorrência do mercado internacional no setor têxtil e a grande instabilidade da moeda nacional.

2.3 Comércio Externo de Artigos Têxteis

A balança comercial de produtos têxteis e confeccionados no período de 1990 até 1994 apresentava-se, mesmo após a abertura comercial, superavitária. Essa situação se inverteu a partir de 1995, quando o setor apresentou um saldo negativo de US\$ 850 milhões, que passou para US\$ 384 milhões em 2000. A partir de 2001 ressurgiram os saldos positivos que, neste ano, foram de US\$ 73 milhões, crescendo nos anos subsequentes, até chegar em 2005 a US\$ 684 milhões (Figura 1).

Após apresentar superávit por 5 anos seguidos e ter dobrado suas exportações no mesmo período (US\$ 2,2 bilhões em 2005), o setor, em 2006, voltou a apresentar déficit em sua balança comercial. O acompanhamento dos seis primeiros meses de 2006, em comparação com janeiro a junho de 2005, mostrou que as importações de artigos têxteis e de confecções, que foi superavitária, desde 2001, voltaram a ser deficitárias em 2006.

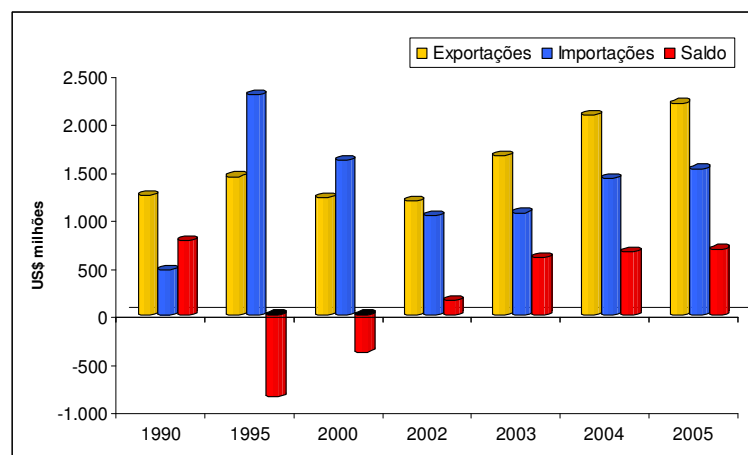


Figura 1 – Comércio exterior de produtos têxteis e confeccionados

Fonte: MDIC/SECEX, 2006.

Assim como em 2005 e 2004, o dinamismo das vendas externas no corrente semestre veio acompanhado de um aumento significativo das importações. Porém, ao contrário desses semestres anteriores, nos primeiros seis meses de 2006 as importações cresceram mais do que as exportações. O aumento das compras externas foi de 26% no primeiro semestre de 2006 em relação à igual período de 2005.

O câmbio desfavorável, a alta taxa de juros e a falta de acordos comerciais para facilitar o acesso do Brasil aos mercados mundiais derrubaram a balança comercial do setor têxtil no primeiro semestre de 2006, de acordo com a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (ASSOCIAÇÃO..., 2006).

Outro grande problema que vai além dos produtos legais que invadem o Brasil, são as importações clandestinas. Uma grande parcela do que é exportado ao Brasil não é registrado na sua entrada, pela aduana brasileira. Em 2005, por exemplo, foi contabilizada a importação de apenas 61% do total de produtos que as autoridades chinesas declararam ter exportado ao Brasil (Figura 2). Isto é, há um indício veemente de descaminho nessas estatísticas (ASSOCIAÇÃO..., 2006).

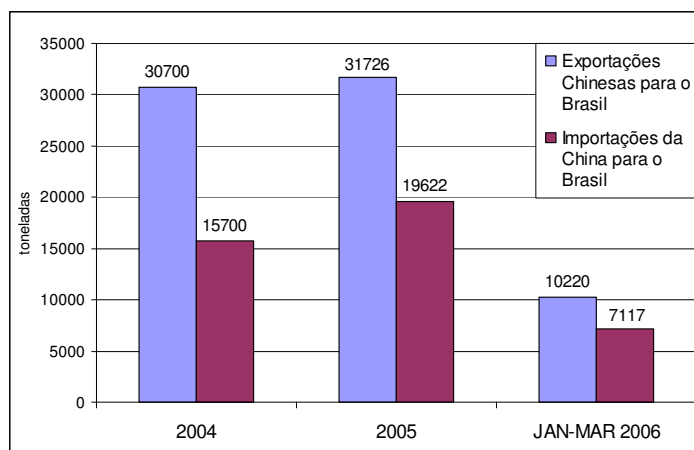


Figura 2 – Desconformidade de Estatísticas de Comércio Internacional (Brasil x China) de Vestuário de Tecidos Planos e de Malha

Fonte: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO, 2006.

2.4 Evolução da Pauta de Exportações do Complexo Têxtil

A dinâmica da pauta de exportações é um aspecto relevante para explicar o desempenho das vendas externas de um país ao longo do tempo. Mais precisamente, considera-se desejável que um país promova não apenas a diversificação, mas também uma contínua melhoria da pauta exportadora, incorporando novos produtos e aumentando o desenvolvimento de produtos com determinados requisitos como, por exemplo, produtos manufaturados com elevado valor agregado e crescente conteúdo tecnológico e cuja demanda internacional apresente tendência de expansão acima da média geral.

A pauta de exportação do complexo têxtil brasileiro é composta de 957 mercadorias (MDIC/ALICEWEB, 2006), das quais foram selecionadas cinquenta mercadorias que representam um total 70% do valor exportado (em US\$ FOB).

De acordo com a Tabela 4 observa-se uma diminuição de 7% do valor exportado (em US\$ FOB) de artigos confeccionados entre os triênios 1998-2000 e 2004-2006, enquanto que para o mesmo período houve um crescimento em torno de 9% nas exportações de fibras e filamentos.

Tabela 4: Percentual do valor exportado por segmento do complexo têxtil.

	(% em US\$ FOB)		
	1998-2000	2001-2003	2004-2006
Fibras e Filamentos	30,0	36,6	39,3
Manufaturados Têxteis	29,9	23,1	27,7
Confeção	40,1	40,3	33,0

Fonte: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, 2007.

3 Metodologia da Pesquisa

A metodologia utilizada neste trabalho toma por base o método *Constant Market Share* (CMS), utilizado neste estudo para analisar o comportamento e a competitividade das exportações brasileiras de artigos têxteis e como padrão de classificação do complexo têxtil brasileiro foi adotado o indicador de Vantagem Comparativas Reveladas (VCR).

3.1 Método *Constant Market Share* (CMS)

A hipótese implícita no método de decomposição CMS é a de que o país aumenta sua participação no comércio mundial, ou cresce acima da média se as suas exportações:

- a) estão concentradas em mercadorias cujas demandas crescem mais rapidamente;
- b) são destinadas a mercados/países cuja demanda cresce relativamente mais rápido;
- c) estão se beneficiando de outros ganhos de competitividade.

O método CMS decompõe o crescimento da participação das exportações nos seguintes fatores: crescimento do comércio internacional, composição da pauta de exportações, destino das exportações e, finalmente, a competitividade determinada pelo resíduo das demais. O resíduo negativo está associado ao fracasso em manter-se no comércio e o resíduo positivo significa sucesso na ampliação da participação do comércio internacional.

A principal vantagem desse método é permitir a análise por componentes e pelo comportamento do produto no mercado de destino, indicando os mercados onde o país é mais competitivo. Embora se utilize de séries pesadas, o método CMS apresenta a

possibilidade de fazer inferências sobre o direcionamento e a concentração do setor exportador em produtos mais dinâmicos.

Segundo Leamer e Stern (1970), Richardson (1971), Carvalho (1995) e Stalder (1997), o método CMS considera a estrutura das exportações do país, a qual, mesmo na ausência de mudanças na competitividade relativa, pode afetar o comportamento das exportações ao longo do tempo e é definido por:

$$S_{ij} = \frac{q_{ij}}{Q_{ij}} = f_{ij} \left(\frac{c_{ij}}{C_{ij}} \right); f_{ij} > 0 \quad (1)$$

onde: i = produto; j = mercado de destino.

O crescimento total das exportações passa a ser dado pela expressão:

$$\frac{dq}{dt} = S \frac{dQ}{dt} + \left[\sum_i S_i \left(\frac{dQ}{dt} \right)_i - S \frac{dQ}{dt} \right] + \left[\sum_i \sum_j S_{ij} \left(\frac{dQ}{dt} \right)_{ij} - \sum_i S_i \left(\frac{dQ}{dt} \right)_i \right] + \sum_i \sum_j Q_{ij} \left(\frac{dS}{dt} \right)_{ij} \quad (2)$$

onde: $S \frac{dQ}{dt}$ = efeito crescimento do comércio mundial – incremento observado se as exportações de um determinado país tiverem crescido à mesma taxa de crescimento do comércio mundial;

$\left[\sum_i S_i \left(\frac{dQ}{dt} \right)_i - S \frac{dQ}{dt} \right]$ = efeito composição da pauta de exportação –

mudanças na estrutura da pauta com concentração em produto com crescimento de demanda mais ou menos acelerado, ou seja, se as exportações mundiais do produto i aumentarem mais do que a média mundial para todas as mercadorias exportadas é positivo, sendo forte esse efeito se for relativamente grande, ou seja, o efeito composição da pauta será positivo se as exportações de um determinado país estiverem concentradas no produto de maior expansão ou quando a taxa de crescimento for superior à média mundial;

$\left[\sum_i \sum_j S_{ij} \left(\frac{dQ}{dt} \right)_{ij} - \sum_i S_i \left(\frac{dQ}{dt} \right)_i \right]$ = efeito destino das exportações

– mudanças decorrentes de exportações de produtos para os mercados de crescimento mais ou menos dinâmicos, ou seja, será positivo se um determinado país tiver concentrado suas exportações em mercados que experimentaram maior dinamismo no período analisado, e negativo se concentrado em regiões mais estagnadas; e

$\sum_i \sum_j Q_{ij} \left(\frac{dS}{dt} \right)_{ij}$ = efeito residual, representando a competitividade – que reflete a diferença

entre o crescimento atual e o crescimento que teria ocorrido nas exportações de um determinado país tivesse sido mantida a parcela de exportação de cada bem para cada país. Em outras palavras, Uma economia é competitiva na produção de determinada mercadoria quando consegue pelo menos igualar-se aos padrões de eficiência vigentes no resto do mundo quanto à utilização de recursos e à qualidade do bem. Tal capacidade, em princípio transitória, posto que resulta de fatores mutáveis que operam no âmbito da

firma (instalações, organização do processo de trabalho, investimento em pesquisas, estratégias de crescimento, etc.) do setor industrial (grau de concentração requerido pelas tecnologias vigentes, possibilidade de economias de escopo, padrões de concorrência, etc.) e a economia (formato e estrutura industrial, dimensões do mercado consumidor, estilo de inserção internacional, etc.) (ALONSO; CARILLO; CONTERÁS, 2000).

A diferença entre o crescimento das exportações verificadas pelo método CMS e o crescimento efetivo é atribuída ao efeito competitividade. A medida desse efeito relaciona-se a mudanças nos preços relativos. Assim, quando um país deixa de manter sua parcela no mercado mundial, o termo competitividade torna-se negativo e indicam seus preços aumentando para o país em questão, em proporções maiores que os preços de seus competidores.

Os preços relativos quando tomados como medida de competitividade relativa, a relação inicial $S = \frac{q}{Q} = f'\left(\frac{C}{C}\right)$ fica associada à elasticidade de substituição, que representa a capacidade de uma mercadoria exportada por um determinado país substituir uma mercadoria similar exportada por outro país concorrente na curva de indiferença do país importador. No entanto, há fatores, além dos preços relativos, que podem interferir na atratividade relativa pelas exportações de um país, e que podem estar compreendidos dentro do resíduo de competitividade embora não sejam explícitos.

Segundo Leamer e Stern (1970), dentre os fatores que compõem o resíduo de competitividade destacam-se as seguintes taxas diferenciais: melhoria de qualidade e do desenvolvimento de novas exportações; incremento na eficiência do marketing ou em termos de financiamento das vendas; e habilidade para atender com prontidão as vendas.

Na análise de séries temporais dificilmente se consegue isolar a origem dos efeitos que influenciam os preços de oferta das exportações de um país comparado aos seus competidores. Os principais fatores são: taxas de crescimento dos fatores disponíveis; resposta de oferta doméstica e da exportação a essas alterações; taxas de produtividade; características dos mercados importadores quanto ao seu crescimento; e taxa de inflação monetária (STALDER, 1997).

Segundo Carvalho (1995), várias são as críticas ao método CMS, por desconsiderar os fatores de oferta na inter-relações mundiais de comércio. No entanto, nos trabalhos de Yotopoulos e Nugent (1976) e Rigaux (1971) ressaltaram da mesma forma que Leamer e Stern (1970), que o efeito competição por incorporar os preços, reflete a interação das condições de demanda e oferta.

Quando se define *Market-Share* como valor exportado, um efeito competitivo tanto positivo quanto negativo pode ser consistente com a queda dos preços relativos, dependendo do valor absoluto da elasticidade de substituição (BONELLI, 1994).

Isso pode ser percebido, a partir da definição empírica da elasticidade de substituição no ponto da maximização da utilidade com restrição orçamentária (VASCONCELOS, 2001).

$$\sigma = \frac{d \log(q_1 / q_2)}{d \log(p_1 / p_2)} \quad (3)$$

onde: σ = elasticidade de substituição; q_1 / q_2 = relação de substituição; e p_1 / p_2 = relação de preços.

Com base nessa definição, um país ampliaria sua parcela de mercado à medida que as quedas de preços relativos fossem proporcionalmente menores que o aumento da quantidade relativa comercializada. Assim, um efeito competitivo se verifica com a queda dos preços relativos e a elasticidade do preço de substituição exceda em termos absolutos a unidade.

3.2 Indicador de Vantagens Comparativas Reveladas (VCR)

As exportações do complexo têxtil nacional estão identificadas com um padrão de inserção no comércio mundial. Com a maior diversificação da pauta de exportações, é importante verificar qual padrão de especialização está contido na pauta de exportações do complexo têxtil e o tipo de produto exportado.

Para alcançar tal objetivo, foi utilizado o indicador de Vantagens Comparativas Reveladas (VCR) das exportações brasileiras de têxteis, calculado conforme Balassa (1965), citado por Nonnenberg (1991) e Carvalho (1995), que definiu o índice de VCR, contendo apenas as exportações, através da seguinte fórmula:

$$VCR_{ij} = \left(\frac{X_i^p}{X_m^p} \right) / \left(\frac{X_i^w}{X_m^w} \right) \quad (4)$$

onde: $\left(\frac{X_i^p}{X_m^p} \right)$ = parcela das exportações do produto i (X_i) nas exportações totais de têxteis (X_m) do país considerado (p); $\left(\frac{X_i^w}{X_m^w} \right)$ = parcela das exportações mundiais do produto i (X_i^w) nas exportações mundiais de têxteis (X_m^w).

O Brasil terá vantagens comparativas reveladas em determinado produto têxtil quando VCR_{ij} for superior à unidade.

3.3 Procedimento Metodológico

As exportações brasileiras são direcionadas a várias regiões do mundo, porém devido à tendência de concentração em algumas áreas ou regiões, a análise foi realizada a partir

de blocos econômicos (MERCOSUL e EU) e países que se destacam no mercado de produtos têxteis (CHINA, INDIA, EUA).

Os produtos selecionados para operacionalização dos métodos CMS e VCR foram identificados a partir da maior frequência no complexo têxtil. Os principais segmentos exportadores são: fibras/filamentos (naturais e sintéticas), têxteis (fios/linhas e tecidos) e confeccionados (vestuário). Foram selecionados, para a operacionalização do método CMS e o VCR, os cinquenta (50) principais produtos da pauta de exportação do complexo têxtil e que no somatório representem mais de 70% do total da pauta de exportações brasileiras de têxteis. Dessa forma foram considerados os produtos listados na Tabela 5.

Tabela 5: 50 principais produtos têxteis exportados pelo Brasil.

Código NCM	Descrição NCM
50040000	FIOS DE SEDA
51052910	TOPS DE LA PENTEADA
51121100	TECIDO DE LA/PELOS FINOS,PENTEAD.(CONT>=85%),P<=200G/M2
52010020	ALGODAO, NAO CARDADO NEM PENTEADO
52051200	FIO ALGODAO>=85%,SIMPLES,FIBRA N/PENT.232.56<=T<714.29D
52051310	FIO ALGODAO>=85%,CRU,SIMPL.FIBRA N/PENT.192.3<=T<232.5D
52052200	FIO ALGODAO>=85%,SIMPLES,FIBRA PENT.232.56D<=T<714.29D
52052310	FIO ALGODAO>=85%,CRU,SIMPL.FIBRA PENT.192.3D<=T<232.56D
52081200	TECIDO DE ALGODAO>=85%,CRU,PONTO TAFETA,100<P<=200G/M2
52084200	TECIDO ALGODAO>=85%,FIO COLOR.PTO.TAFETA,100<P<=200G/M2
52093200	TECIDO DE ALGODAO>=85%,TINTO,PONTO SARJADO,PESO>200G/M2
52094210	TECIDO DE ALGODAO>=85%,FIO COLOR.DENIM,P>200G/M2
53049000	SISAL/OUTS.FIBRAS TEXTEIS "AGAVE",TRABALH.N/FIADOS,ETC.
54021010	FIO DE ALTA TENACIDADE,DE NAILON (POLIAMIDA ALIFATICA)
54024110	FIO DE NAILON,SIMPLES,TORCAO<=50VOLTAS/METRO
54033100	FIO DE RAIOM VISCOSE,SIMPLES,TORCAO<=120VOLTAS/METRO
55020010	CABOS DE ACETATO DE CELULOSE
55041000	FIBRAS DE RAIOM VISCOSE,NAO CARDADAS,NAO PENTEADAS,ETC.
55093200	FIO DE FIBRAS ACRILICAS/MODACRILICAS>=85%,RETORCIDO,ETC
55095300	FIO DE FIBRAS DE POLIESTERES COM ALGODAO
56012291	CILINDROS P/FILTRO CIGARROS,DE PASTAS FIBRAS SINT/ARTIF
56031190	FALSOS TECIDOS DE OUTS.FILAMENTOS SINT/ARTIF.P<=25G/M2
56060000	FIOS REVEST.POR ENROLAM/LAMINAS/MONOFILAM.SINT/ART.ETC.
56072100	CORDEIS DE SISAL/OUTS.FIBRAS "AGAVE",P/ATADEIRAS/ENFARD
57019000	TAPETE DE OUTRA MATERIA TEXTIL,DE PONTO NODADO/ENROLADO
57049000	OUTROS TAPETES/REVESTIMENTOS P/PAVIM.DE FELTRO
58012200	VELUDO/PELUCIA,TECIDO,DA TRAMA ALGODAO,CORTADO,CANELADO
59021010	TELAS P/PNEUMAT.DE FIOS ALTA TENAC.POLIAMIDA C/BORRACHA
59022000	TELAS P/PNEUMATICOS,DE FIOS ALTA TENAC.DE POLIESTERES
59031000	TECIDO IMPREGNADO/REVESTIDO,ETC.C/POLICLORETO DE VINILA
59119000	OUTS.PRODS/ARTEFATOS,DE MATERIAS TEXTEIS,P/USO TECNICO
60019200	VELUDO E PELUCIA,DE MALHA DE FIBRA SINTETICA/ARTIFICIAL
60023020	TECIDO DE MALHA DE FIBRA SINT/ART.L>30CM,C/ELASTOM.ETC.

61051000	CAMISAS DE MALHA DE ALGODAO,DE USO MASCULINO
61061000	CAMISAS,ETC.DE MALHA DE ALGODAO,DE USO FEMININO
61091000	CAMISSETAS "T-SHIRTS",ETC.DE MALHA DE ALGODAO
61102000	SUETERES,PULOVERES,ETC.DE MALHA DE ALGODAO
61151100	MEIAS-CALCAS DE MALHA DE FIBRA SINTETICA,TIT<67DECITEX
62034200	CALCAS,JARDINEIRAS,ETC.DE ALGODAO,USO MASCULINO
62046200	CALCAS,JARDINEIRAS,ETC.DE ALGODAO,DE USO FEMININO
62052000	CAMISAS DE ALGODAO,DE USO MASCULINO
62079100	CAMISSETAS INTERIORES,ETC.DE ALGODAO,DE USO MASCULINO
62089100	CORPETES,CALCINHAS,PENHOARES,ETC.DE ALGODAO
62121000	SUTIAS E "BUSTIERS" ("SOUTIENS" DE COS ALTO)
63022100	ROUPAS DE CAMA,DE ALGODAO,ESTAMPADAS
63022200	ROUPAS DE CAMA,DE FIBRAS SINTETICAS OU ARTIF.ESTAMPADAS
63025100	ROUPAS DE MESA,DE ALGODAO,EXC.DE MALHA
63026000	ROUPAS DE TOUCADOR/COZINHA,DE TECIDOS ATOALH.DE ALGODAO
63052000	SACOS P/EMBALAGEM,DE ALGODAO
63053390	OUTROS SACOS P/EMBALAGEM,DE LAMINAS DE POLIETILENO,ETC.

Fonte: ALICEWEB, 2006

De acordo com a metodologia proposta, os referidos indicadores foram calculados utilizando-se dados sobre o comércio exterior do Brasil, disponíveis através do Sistema Alice (Análise das informações de Comércio Exterior da Secretária de Comércio Exterior). Foi possível obter os volumes exportados e importados para cada país, foram identificados a participação de cada segmento do setor têxtil nas exportações e às vantagens comparativas reveladas entre as especificidades dos diversos elos, estabelecidos pelo Sistema Harmonizado de Mercadorias.

O método CMS necessita que os períodos de análise sejam identificados, para a comparação entre pontos discretos no tempo. Os períodos em análise foram definidos levando-se em consideração os momentos importantes da economia brasileira e que se refletiram nas exportações brasileiras, de forma que, cada período represente a média de três anos das exportações, compreendidos, desde 1998 até 2006.

Período de 1998 a 2000: esse período foi caracterizado por forte mudança na macroeconomia brasileira, após as crises de globalização, as do sudeste Asiático, a da moratória da Rússia e a brasileira (1980), tiveram causas diferentes, interna e externa, mas acelerou as turbulências em dois setores nevrálgicos: as taxas cambiais e o fluxo de capitais. As variações nas taxas, pelas quais se trocam moedas de países diferentes, são o velho e mal resolvido problema, que se vem avolumando na economia mundial. Sucedeu então a seqüência de fatos que culminou em 15 de janeiro de 1999, na adoção pelo Brasil do regime de câmbio flutuante.

Período de 2001 a 2003: o início da desaceleração econômica, em 2001, esteve associado à crise de energia elétrica, e o conseqüente racionamento, e à volatilidade dos mercados externos, representados pela crise da Argentina e pelos atentados terroristas contra os EUA. Em 2002, a indicação da vitória do candidato da oposição nas eleições

presidenciais brasileiras e o ataque americano ao Iraque foram os principais motivos das incertezas que prejudicaram o crescimento econômico. No ano de 2003, a percepção da instabilidade dos preços e as expectativas em relação ao comportamento da taxa de câmbio nortearam a adoção de políticas fiscal e monetária restritivas pelo novo governo, instalado em janeiro de 2003, contudo, as relações com o setor externo, alavancadas pelo resultado positivo da balança comercial, apresentaram sinais de melhora, principalmente no que tange às transações correntes, que registraram superávit.

Período de 2004 a 2006: A consolidação da abertura comercial e a permanência do programa de estabilização econômica alteraram significativamente o ambiente dos negócios internacionais em que operam empresas brasileiras, as quais, a partir de então, passaram a competir tendo como parâmetro a concorrência internacional.

O fim do regime de restrições quantitativas que passou a vigorar no início de 2006, após o término do acordo sobre têxteis e vestuários (ATV), contribuiu para o acirramento da concorrência e para uma redução do número de países que buscam atingir os mercados do complexo têxtil de países como a China e a Índia.

4 Resultados

Conforme já mencionado, para determinar a competitividade, empregou-se o conceito de desempenho utilizando-se do modelo *Constant Market Share* (CMS) e, visando qualificar o padrão de eficiência das exportações, determinaram-se as Vantagens Comparativas Reveladas (VCR).

O modelo *Constant Market Share* (CMS) decompõe o crescimento da participação das exportações nos seguintes fatores: crescimento do comércio mundial, composição da pauta, destino das exportações, bem como sua competitividade nos três subperíodos considerados (1998-2000 / 2001-2003 / 2004-2006). O método atribui o crescimento das exportações, favorável ou desfavorável, ao complexo têxtil, tanto na estrutura das exportações do país quanto em sua competitividade. A suposição do modelo é que, mantida a parcela de exportação pelo país, a variação verificada é atribuída à competitividade. Os resultados apresentados foram relacionados à decomposição das exportações brasileiras por produto e por segmento do complexo têxtil. Por produto foram selecionados os 50 principais produtos, o que representa cerca de 70% do total da pauta de produtos exportados do complexo têxtil brasileiro. Por segmento considerou-se o total do Segmento de Fibras e Filamentos; do Segmento de Manufaturados Têxteis e por último do Segmento de Confecção.

Foram também analisados, sob a ótica do Indicador de Vantagens Comparativas Reveladas (VCR), as exportações desses 50 principais produtos do complexo têxtil nacional. Esse indicador é calculado para os produtos têxteis de maior penetração nos mercados mundiais, para cada subperíodo, compreendido no espaço de 1998 a 2006,

para que seja caracterizada a evolução ao longo do tempo do padrão das vantagens comparativas do complexo têxtil.

O procedimento para análise levou em consideração os blocos econômicos (MERCOSUL E EU) e países de destaque no mercado de produto têxteis (China, Índia e EUA).

4.1 Fonte de Crescimento das Exportações

A aplicação do modelo CMS às exportações brasileiras de têxteis permitiu analisar a decomposição e a contribuição dos efeitos relacionados ao crescimento do comércio mundial, composição da pauta, destino das exportações, bem como, a sua competitividade nos três subperíodos considerados.

Na Tabela 6 aparecem os resultados da decomposição das exportações brasileiras de têxteis por produto, mostrando seu crescimento diferenciado ao longo do período estudado, sendo mais expressivo no terceiro subperíodo. Esse comportamento indica o setor têxtil exportador não se abateu devido as condições desfavoráveis presentes no Brasil, como por exemplo o câmbio, o custo de capital e a carga tributária.

Tabela 6: Taxas percentuais de crescimento das exportações mundiais e brasileiras de têxteis e fontes de crescimento das exportações brasileiras, por produto do complexo têxtil, - 1998 a 2006.

INDICADORES	PERÍODOS		
	1998 - 2000 2001 - 2003	2001 - 2003 2004 - 2006	1998 - 2000 2004 - 2006
a) Taxas de Crescimento			
Exportações mundiais	16,57	31,06	52,78
Exportações brasileiras	24,46	54,26	91,99
<i>Market-Share</i>	0,52	0,65	0,61
b) Fonte de Crescimento			
Crescimento do comércio mundial	51,01	42,51	36,84
Composição da pauta de exportações	1,23	5,01	5,93
Destino das exportações	56,95	2,15	9,10
Competitividade	-80,66	-27,82	-27,17

O crescimento das exportações mundiais e brasileiras durante os subperíodos analisados está relacionado ao abrandamento da política comercial internacional pela redução das tarifas às importações de commodities e redução da oferta dos países desenvolvidos, desta forma as commodities tiveram seus preços valorizados.

A participação das exportações brasileiras (*Market-Share*) do complexo têxtil no comércio mundial, embora tenha crescido em relação ao primeiro subperíodo, ainda é baixa, não conseguindo ultrapassar o equivalente a 1,0% das exportações mundiais.

A análise da decomposição das fontes de crescimento das exportações brasileiras de artigos têxteis no primeiro subperíodo em estudo indicou que metade do crescimento das exportações foi atribuída ao efeito do crescimento do comércio mundial e a outra metade ao efeito destino das exportações. A composição da pauta apresentou uma fraca influência (1,0%) no mesmo sentido, enquanto que a competitividade atuou fortemente de forma a reduzir a participação das exportações, indicando a necessidade do desenvolvimento de novas estratégias que tornem o setor mais competitivo com relação ao mercado externo aproveitando o surgimento de novos mercados, observado pelo forte efeito destino das exportações.

O segundo subperíodo analisado, indicou que o efeito crescimento do comércio mundial contribuiu em torno de 86% para o crescimento registrado pelas exportações do complexo têxtil, apenas 4,0% foi atribuído ao efeito destino das exportações e 10% ao efeito composição da pauta de exportações. A competitividade novamente contribuiu negativamente assinalando a existência de dificuldades do setor com relação a outros mercados internacionais.

A análise do modelo CMS por produto ressalta a fragilidade de políticas internas direcionadas a capacidade de desenvolver formas capazes de ofertar produtos a preços competitivos no mercado mundial e ao mesmo tempo promover a diversificação da pauta de exportações que cada vez mais se concentra em produtos de baixo valor agregado. Desde o início do século XXI, o crescimento do comércio internacional foi a principal fonte de crescimento das exportações brasileiras de produtos têxteis, o que demonstra a elevada capacidade de resposta das empresas brasileiras ao aumento da demanda mundial.

A pauta de exportações ainda está concentrada em produtos considerados como tradicionais, verificando-se um aumento substancial das exportações de algodão ao mesmo tempo em que ocorre uma diminuição do poder de penetração de confeccionados brasileiros.

As fontes de crescimento das exportações brasileiras de têxteis quando analisadas por segmentos do complexo têxtil, fibras e filamentos, manufaturados têxteis e confecção, na Tabela 7, indicaram um comportamento semelhante aos apresentados na análise por produtos.

Tabela 7: Taxas percentuais de crescimento das exportações mundiais e brasileiras de têxteis e fontes de crescimento das exportações brasileiras, por segmento do complexo têxtil, - 1998 a 2006.

INDICADORES	PERÍODOS		
	1998 - 2000 2001 - 2003	2001 - 2003 2004 - 2006	1998 - 2000 2004 - 2006
a) Taxas de Crescimento			
Exportações mundiais	16,57	31,06	52,78
Exportações brasileiras	24,46	54,26	91,99
<i>Market-Share</i>	0,52	0,65	0,61
b) Fonte de Crescimento			
Crescimento do comércio mundial	51,01	24,44	27,06
Composição da pauta de exportações	-4,86	-0,87	-2,38
Destino das exportações	26,01	1,80	14,47
Competitividade	-60,18	-17,99	-30,57

No primeiro subperíodo, o efeito composição da pauta foi negativo, ou seja, atuou no sentido de reduzir as exportações, mas por ser de pequena magnitude foi anulado pelos efeitos crescimento do comércio mundial e destino das exportações, 2/3 e 1/3, respectivamente, do crescimento das exportações foram atribuídos a esses efeitos. Novamente a análise de decomposição das fontes de crescimento das exportações brasileiras de artigos têxteis no primeiro subperíodo em estudo, revelou o forte efeito negativo da competitividade.

No segundo subperíodo analisado, a fonte de crescimento das exportações brasileiras do complexo têxtil por segmento foi sustentada pelo efeito crescimento do comércio mundial que contribuiu com 90%, enquanto que menos que 1,0% foi atribuído ao efeito destino das exportações. A composição da pauta de exportações foi de efeito nulo, enquanto que a competitividade novamente contribuiu negativamente, ou seja, atuando em sentido contrário ao crescimento das exportações.

As exportações brasileiras de produtos têxteis quando analisadas por segmentos do complexo ressaltam as fontes de crescimento destino das exportações e crescimento do comércio mundial como responsáveis pelo crescimento das exportações do setor desde o final da década de 90. Enquanto que os efeitos composição da pauta e principalmente a competitividade dificultaram o crescimento das exportações, indicando a dificuldade do setor em se tornar competitivo frente aos produtos produzidos por outros países e comercializados internacionalmente.

As fontes de crescimento por produto e por segmentos quando comparadas, apresentam pouca diferença, a não ser quanto a maior magnitude do efeito competitividade no primeiro e no último período analisado e uma perceptível diferença na inversão de sinais do efeito composição da pauta de exportações, ou seja, quando o crescimento das exportações é analisado por segmentos, o efeito pauta das exportações indicou perda de

dinamismo na diversificação de produtos. Assim, predominaram apenas dois efeitos, ambos externos, relacionados a abertura ou ao fechamento de novos mercados e a dinâmica de ampliação ou retração do mercado internacional.

4.2 Vantagens Comparativas Reveladas (VCR)

As vantagens comparativas reveladas do complexo têxtil brasileiro foram calculadas e mostram que dos 50 principais produtos de exportação do complexo têxtil brasileiro, 34 produtos apresentaram índices de vantagens comparativas acima da unidade, significando possuir vantagens comparativas em relação aos concorrentes internacionais. Os principais produtos de maiores índices de vantagens comparativas são os cordéis de sisal (316,8), os fios de seda (37,6), os sacos para embalagem de algodão (23,1), as roupas de toucador/cozinha de algodão (14,8) e as roupas de cama de fibras químicas estampadas (11,4).

O sisal apresentou o maior índice de vantagens comparativas principalmente por ser um produto diferenciado quando comparado aos demais. Embora seu índice seja elevado foi de comportamento declinante, o que reflete em seu valor exportado que diminuiu em quase 99% sua participação na pauta de exportações.

A tendência do comportamento dos índices dos fios de seda mostra a perda de vantagem comparativa ao longo do período em estudo, mesmo assim se mantém como o terceiro principal produto do segmento de fibras e filamentos do complexo têxtil brasileiro.

Com relação aos sacos para embalagem de algodão, as roupas de toucador/cozinha de algodão e as roupas de cama de fibras químicas estampadas, todos esses produtos apresentaram altas vantagens comparativas e pertencem ao mesmo segmento do complexo têxtil: o de confecção, exatamente o segmento mundialmente mais comercializado e, além disso, pertencem à "linha lar", atualmente os produtos nacionais que mais apresentam competitividade no mercado externo.

O segundo grupo de produtos de índice de vantagem comparativa moderada a fraca é composto principalmente pelos produtos do segmento de manufaturados têxteis. O comportamento geral deste grupo se apresenta com tendência decrescente dos índices de vantagens comparativas, enquanto que os produtos que utilizam fibras químicas ao invés do algodão apresentaram elevação do índice.

Cabe a observação que o algodão, pertencente ao segmento de fibras e filamentos, apresenta uma significativa elevação do índice de vantagem comparativa ao contrário dos demais produtos analisados, ratificando seu atual e futuro papel de importância na pauta de exportação brasileira de produtos têxteis.

Por fim, o grupo de produtos que não alcançaram vantagens comparativas no comércio internacional apresenta produtos com tendência drástica de redução do índice de vantagens comparativas como suéteres, calças e camisas de algodão. Esses produtos

pertencem ao segmento de confecção, excetuando-se os da “linha lar”, indicando que o setor de confeccionados brasileiro, composto em sua maioria por pequenas empresas, não consegue alcançar o mercado externo devido a alta competitividade dos produtos deste segmento no mercado internacional.

As características gerais da pauta de exportações brasileiras de têxteis, analisadas pelo prisma das vantagens comparativas reveladas, mostram que as exportações do complexo têxtil ainda estão concentradas e especializadas em produtos tradicionais e de baixo valor agregado, porém mostra também a possibilidade da ampliação e diversificação da pauta, principalmente, com produtos da “linha lar” do segmento de confecção.

A especialização das exportações quando analisadas por segmentos do complexo têxtil, fibras e filamentos, manufaturados têxteis e confecção (Tabela 8) indicou que as exportações do complexo têxtil brasileiro são especializadas apenas em produtos do segmento de fibras e filamentos (2,96). O segmento de manufaturados têxteis (0,97) se manteve abaixo, mas próximo à unidade no primeiro e no terceiro subperíodo, indicando quase especialização, enquanto o segmento de confeccionados (0,56) não apresentou melhora do índice de vantagens comparativas no período analisado.

Tabela 8: Índices de vantagens comparativas reveladas por segmento do complexo têxtil brasileiro no período de 1998 a 2006.

SEGMENTOS	ÍNDICES		
	1998 – 2000	2001 – 2003	1998 – 2000
Fibras e Filamentos	16,57	31,06	52,78
Manufaturados Têxteis	24,46	54,26	91,99
Confecção	0,52	0,65	0,61

A tendência do índice de vantagens comparativas do segmento de fibras e filamentos do complexo têxtil foi de elevação em todo o período estudado, em oposição a tendência apresentada pelo segmento de confecção. O segmento de manufaturados têxteis apresentou uma redução de seu índice do primeiro para o segundo e recuperação no último subperíodo.

Os produtos confeccionados, com exceção da “linha lar”, apresentaram redução progressiva dos índices de vantagens comparativas, o que contribuiu para piorar os índices do segmento de artigos confeccionados, o mesmo ocorreu para o segmento de manufaturados têxteis.

Os resultados sobre a estrutura da pauta de exportações do complexo têxtil brasileiro por produto e por segmentos indicaram especialização das exportações em produtos tradicionais, como as fibras e filamentos, e pequeno crescimento no índice das vantagens comparativas dos produtos manufaturados e confeccionados, com exceção da “linha lar”. Da análise de produtos isolados verifica-se as opções de produtos manufaturados, como os cordéis de sisal e que utilizam fibras químicas, e de produtos confeccionados da “linha

lar” com altas possibilidades de se firmarem na pauta de exportações. As evidências indicam que a transformação da estrutura da pauta de exportação em curso seria capaz de elevar o padrão das exportações do complexo têxtil brasileiro.

5 Conclusão

A evolução das exportações brasileiras e a competitividade do complexo têxtil entre 1998 e 2006 foram analisadas a partir da decomposição das fontes de crescimento das exportações do complexo têxtil brasileiro, bem como suas vantagens comparativas reveladas.

Assim, para determinar a competitividade, empregou-se o conceito de desempenho utilizando-se do modelo *Constant Market Share* (CMS) e, visando qualificar o padrão de eficiência das exportações, determinaram-se as Vantagens Comparativas Reveladas (VCR).

No que diz respeito à decomposição das fontes de crescimento das exportações brasileiras de artigos têxteis, mostrou que o setor conseguiu, apesar da perda na competitividade e concentração em produtos da pauta de exportações de baixo valor agregado, acompanhar o crescimento do comércio internacional, o que demonstra a elevada capacidade de resposta das empresas brasileiras ao aumento da demanda mundial, mesmo em um período em que se apresentavam várias condições desfavoráveis para esse aumento, como por exemplo, o câmbio, o custo de capital e a elevada carga tributária.

Já as Vantagens Comparativas Reveladas, dos 50 principais produtos de exportação do complexo têxtil brasileiro, 34 produtos apresentaram índices de vantagens comparativas acima da unidade, significando possuir vantagens comparativas em relação aos concorrentes internacionais. Os principais produtos de maiores vantagens são os cordéis de sisal; fios de seda, os sacos para embalagens de algodão, as roupas de toucador/cozinha de algodão e roupas de cama de fibras químicas estampadas.

A análise do modelo CMS por produto ressalta a fragilidade de políticas internas direcionadas a capacidade de desenvolver formas capazes de ofertar produtos a preços competitivos no mercado mundial e ao mesmo tempo promover a diversificação da pauta de exportações que cada vez mais se concentra em produtos de baixo valor agregado. Desde o início do século XXI, o crescimento do comércio internacional foi a principal fonte de crescimento das exportações brasileiras de produtos têxteis.

Embora o panorama mundial indique uma tendência à internacionalização dos negócios, com a formação de cadeias globais de produção, em geral comandadas por empresas dos países centrais, a análise competitividade internacional do complexo têxtil mostra que esse setor tem se mantido em grande parte à margem desse movimento.

A concentração em produtos da pauta de exportações de baixo valor agregado foi evidenciada na análise das vantagens comparativas reveladas, ao mesmo tempo, essa análise mostrou a possibilidade da ampliação e diversificação da pauta, principalmente, com produtos da "linha lar" do segmento de confecção.

Além do mais, a análise por segmento mostra que o setor de confeccionados brasileiro, composto em sua maioria por pequenas empresas, perde progressivamente a chance de alcançar o mercado externo, devido a elevada competitividade desses produtos no mercado internacional e a falta de políticas públicas eficazes para o setor.

Ressalta-se, ainda, que a diversificação dos produtos têxteis exportados pelo Brasil é extremamente necessária para que se possa agregar valor às exportações, procurando melhorar o *market-share* do setor têxtil no comércio mundial. A participação das exportações brasileiras de têxteis ainda é muito baixa, não conseguindo ultrapassar o equivalente a 1,0% das exportações mundiais.

Sem dúvida a política tributária nacional é uma das principais causas da grande perda de competitividade. Adicionar o imposto e a burocracia no valor dos produtos exportados não vai colocar este e outros setores importantes da economia dentro de uma rota segura de crescimento e de geração de renda para o país.

6 Referências

ALONSO, J.; CARILLO, J.; CONTERÁS, O. Trayectorias tecnologicas en empresas maquiladoras asiáticas y americanas em México. **Desarrollo Productivo Serie CEPAL**, n. 72, 2000.

AMORIM, A. H. **Análise da competitividade internacional do complexo têxtil brasileiro**. 2008. Dissertação de Mestrado, UCAM.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO. Dados coletados entre 2006 e 2007. Disponível em: <<http://www.abit.org.br/site/>>.

BALASSA, B. Trade liberalisation and revealed comparative advantage. **The Manchester School of Economic and Social Studies**, v. 32, p. 99-123, 1965.

BONELLI, R. **Produtividade, crescimento industrial e exportações de manufaturados no Brasil**: desempenho e competitividade. IPEA, 1994.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Dados coletados entre 2006 e 2007. Disponível em: <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br/>>.

CARVALHO, F. M. A. **O comportamento das exportações brasileiras e a dinâmica do complexo agroindustrial, 1995**. Tese (Doutorado em Economia), Escola Superior de Agronomia Luiz de Queiroz.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais 2005**.

Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicadores2005/indic_sociais2005.pdf>, acesso em 2007.

IEMI-Instituto de Estudos e Marketing Industrial. **Relatório Setorial da Indústria Têxtil Brasileira**, Brasil Têxtil, 2005.

IEMI-Instituto de Estudos e Marketing Industrial. **Relatório Setorial da Indústria Têxtil Brasileira**, Brasil Têxtil, 2006.

INSTITUTO DE ESTUDOS E MARKETING INDUSTRIAL (São Paulo, SP). **Setorial têxtil**. 2006.

LEAMER, E. E.; STERN, R. M. **Quantitative international economics**. Chicago: Aldine Publishing Company, 1970.

MDIC-Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Disponível em:<<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br/>>, acesso em 2006.

MELO, Maria Cristina P. **Reflexões sobre aprendizado e inovação local na indústria de confecções do Nordeste**. Universidade Federal do Ceará, 2000.

NONNENBERG, M. J. B. Vantagens comparativas reveladas, custo relativo de fatores e Intensidades de recursos naturais: resultados para o Brasil 1980-88. **Texto para Discussão**, n. 214, 1991. Disponível em:<http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0214.pdf>.

OECD. **A new world map in textiles and clothing: adjusting to change**. 2004.

RICHARDSON, J. D. Constant-market-share analysis of export growth. **Journal of International Economics**, v. 1, n. 2, p. 227-239, 1971.

RIGAUX, L. R. Market-Share analysis applied to Canadian wheat export. **Canadian Journal of Agricultural Economics**, v. 19, n. 1, p. 22-34, 1971.

STALDER, S. H. G. M. **Análise da participação do Brasil no mercado internacional de açúcar**. 1997. Dissertação (Mestrado em Economia) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz.

VASCONCELOS, M. A. S. **Economia micro e macro**. São Paulo: Atlas, 2001.

YOTOPOULOS, P. A.; NUGENT, J.B, **Economics of development: empirical investigations**. New York, 1976.

Currículo Resumido dos Autores

Alberto Henrique Amorim

Mestre em Economia Empresarial pela UCAM, graduado em Administração e Comércio Exterior. Atualmente é sócio da Trends Consulting Consultoria em Gestão Empresarial e Professor na UniverCidade, nas áreas de Comércio Exterior, Economia e Finanças, e membro do Conselho Fiscal da Agência de Desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro. Atuou como Gerente Geral do Banco do Nordeste do Brasil, Diretor Executivo do Forex Brasileiro e Superintendente Financeiro da Companhia Docas do Rio de Janeiro.

e-MAIL: ahamorim@superig.com.br

<http://lattes.cnpq.br/6972176138803056>